

**ENTRE CIÊNCIA E ARTE: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
CONTEMPORÂNEAS****BETWEEN SCIENCE AND ART: EPISTEMOLOGICAL CHALLENGES IN CONTEMPORARY
SOCIAL SCIENCES** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.018-008>

Leandro Gilson de Oliveira
Mestrando em Ciências Sociais
PUC MINAS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir os desafios epistemológicos das Ciências Sociais contemporâneas, a partir de uma análise teórico-reflexiva sobre os limites do paradigma positivista e a emergência de epistemologias críticas, interpretativas e plurais. O estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e hermenêutico, dialogando com autores clássicos e contemporâneos como Max Weber, Boaventura de Sousa Santos, Robert Nisbet, Hartmut Rosa e Marshall Berman. A análise evidencia que a produção do conhecimento nas Ciências Sociais exige a articulação entre rigor metodológico, sensibilidade interpretativa e reconhecimento da diversidade epistêmica. Conclui-se que a sociologia, para além de uma ciência descritiva, configura-se como uma prática ética, estética e política, comprometida com a compreensão e a transformação social.

Palavras-chave: Epistemologia; Ciências sociais; Conhecimento; Ecologia de saberes; Metodologia.

ABSTRACT

This article aims to discuss the epistemological challenges of contemporary Social Sciences through a theoretical and reflective analysis of the limits of the positivist paradigm and the emergence of critical, interpretative, and plural epistemologies. The study is based on a qualitative approach, of bibliographic and hermeneutic nature, engaging with classical and contemporary authors such as Max Weber, Boaventura de Sousa Santos, Robert Nisbet, Hartmut Rosa, and Marshall Berman. The analysis shows that knowledge production in Social Sciences requires the articulation between methodological rigor, interpretative sensitivity, and the recognition of epistemic diversity. It concludes that sociology, beyond being a descriptive science, is configured as an ethical, aesthetic, and political practice committed to the understanding and transformation of society.

Keywords: Epistemology; Social sciences; Knowledge; Ecology of knowledge; Methodology.



1 INTRODUÇÃO

O debate epistemológico nas Ciências Sociais constitui um dos eixos fundamentais para compreender não apenas os seus métodos, mas, sobretudo, os seus compromissos éticos, políticos e científicos. Desde sua consolidação como disciplina autônoma, a sociologia se viu desafiada a dialogar com paradigmas oriundos das ciências naturais, especialmente no que tange à busca pela objetividade, neutralidade e validade universal de seus resultados (Weber, 2004). No entanto, a especificidade do objeto das Ciências Sociais — a ação humana, carregada de sentidos, valores, historicidade e subjetividade — impõe limites à simples transposição dos modelos positivistas oriundos das ciências naturais.

Max Weber, em sua clássica reflexão sobre a objetividade no campo das Ciências Sociais, adverte que a neutralidade científica não significa a ausência de valores no processo de pesquisa, mas sim a capacidade do pesquisador de delimitar claramente a fronteira entre juízos de fato e juízos de valor (Weber, 2004). Sua concepção metodológica introduz a compreensão do sentido — o *Verstehen* — como categoria central na análise social, sem, contudo, abrir mão de critérios rigorosos que assegurem a validade e a coerência das interpretações científicas.

Por outro lado, no contexto contemporâneo, a crítica à hegemonia epistemológica do Ocidente ganha centralidade, especialmente na obra de Boaventura de Sousa Santos (2008), que propõe uma ruptura com o paradigma da monocultura do saber científico. Para o autor, o modelo hegemônico da ciência moderna, ao privilegiar o que é quantificável e mensurável, marginaliza outros saberes, sobretudo aqueles produzidos por povos tradicionais, comunidades indígenas, quilombolas e populações subalternizadas. A proposta de uma ecologia de saberes emerge, então, como uma alternativa epistemológica que reconhece a pluralidade dos modos de conhecer, compreender e transformar o mundo (Santos, 2008).

A esse debate soma-se a provocação de Robert Nisbet (1987), que, ao refletir sobre a sociologia como uma forma de arte, destaca que o trabalho sociológico não é meramente técnico, mas também estético e interpretativo. Para o autor, tanto a arte quanto a sociologia compartilham a tarefa de decifrar e representar os sentidos mais profundos da experiência humana, mobilizando, para isso, não apenas procedimentos metodológicos, mas também imaginação sociológica, sensibilidade e criatividade.

Tais reflexões conduzem, inevitavelmente, a uma problematização mais ampla dos fundamentos epistemológicos que sustentam a produção do conhecimento nas Ciências Sociais. Em um cenário global marcado pela aceleração dos processos sociais (Rosa, 2019), pela fluidez das estruturas (Berman, 1986) e, ao mesmo tempo, pela intensificação das desigualdades, do negacionismo científico e dos discursos de ódio, torna-se imperativo revisitar as bases sobre as quais se constrói o saber sociológico.

O presente artigo, portanto, tem como objetivo discutir os desafios epistemológicos contemporâneos das Ciências Sociais, analisando as tensões entre objetividade e subjetividade, entre ciência e arte, e os limites do positivismo diante da complexidade dos fenômenos sociais. Parte-se da hipótese de que as



Ciências Sociais, longe de se reduzirem a uma prática estritamente empírica e quantitativa, são também um exercício hermenêutico, no qual o rigor metodológico deve caminhar lado a lado com a sensibilidade interpretativa e com o reconhecimento da pluralidade dos saberes e das experiências humanas.

Nessa perspectiva, este trabalho dialoga com aportes teóricos que transitam entre a tradição clássica da sociologia e as epistemologias críticas e decoloniais contemporâneas, visando contribuir para o fortalecimento de uma prática científica mais democrática, inclusiva e comprometida com a transformação social.

2 METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa de caráter teórico-reflexivo, fundamentada na análise bibliográfica e documental. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001), é particularmente adequada quando o objetivo é compreender fenômenos complexos, que envolvem dimensões simbólicas, históricas, culturais e subjetivas, como é o caso dos debates epistemológicos no campo das Ciências Sociais.

O percurso metodológico pautou-se na análise crítica de obras clássicas e contemporâneas que discutem os fundamentos epistemológicos das Ciências Sociais. Foram selecionados autores de referência no debate sociológico e epistemológico, tais como Max Weber (2004), Boaventura de Sousa Santos (2008), Robert Nisbet (1987), Hartmut Rosa (2019) e Marshall Berman (1986), cujas contribuições são fundamentais para compreender as tensões entre objetividade, subjetividade, ciência, arte e pluralidade epistêmica.

A escolha por uma metodologia de natureza bibliográfica se justifica pela necessidade de aprofundar a reflexão teórica sobre os paradigmas de produção do conhecimento, bem como pela intenção de mapear os principais debates que tensionam a construção científica nas Ciências Sociais. De acordo com Gil (2019), a pesquisa bibliográfica permite não apenas revisar conceitos, teorias e autores, mas também realizar análises críticas, sistematizações e sínteses capazes de gerar novos olhares sobre objetos de estudo já consolidados.

Os critérios de seleção das obras e dos autores se orientaram por sua relevância acadêmica, impacto na produção científica do campo e pertinência temática. Além das obras clássicas, foram incorporados autores e discussões contemporâneas que dialogam com epistemologias críticas, decoloniais e alternativas ao paradigma positivista.

O tratamento dos dados consistiu em uma análise interpretativa fundamentada nos princípios da hermenêutica sociológica (Ricoeur, 1990), articulando os conteúdos das obras aos contextos históricos, sociais e teóricos em que foram produzidos.

A análise desenvolveu-se em três eixos principais: as críticas ao modelo positivista e suas implicações na produção do conhecimento nas Ciências Sociais; a discussão sobre objetividade,



neutralidade e sentido na tradição sociológica; e as propostas contemporâneas de superação dos epistemicídios e construção de uma ecologia de saberes.

Assim, trata-se de uma pesquisa de caráter teórico-conceitual, cujo objetivo não é a testagem empírica de hipóteses, mas a elaboração de uma análise crítica que contribua para o aprofundamento dos debates epistemológicos no campo das Ciências Sociais contemporâneas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise teórica realizada permitiu identificar três grandes eixos de resultados que estruturam os desafios epistemológicos das Ciências Sociais contemporâneas: (i) a insuficiência do paradigma positivista para a compreensão dos fenômenos sociais; (ii) a centralidade da subjetividade e da interpretação na produção do conhecimento sociológico; e (iii) a emergência de epistemologias plurais e críticas frente às dinâmicas de exclusão e silenciamento de saberes.

A reflexão crítica sobre o modelo positivista revelou seus limites históricos e metodológicos no campo das Ciências Sociais. Conforme apontado por Santos (2008), a ideia de que apenas o que é quantificável possui validade científica reduziu a complexidade dos fenômenos sociais a categorias mensuráveis, desconsiderando dimensões simbólicas, culturais e subjetivas. Essa lógica, historicamente associada à matriz eurocêntrica da ciência moderna, produziu processos sistemáticos de exclusão epistêmica, configurando verdadeiros epistemicídios.

Os resultados da análise corroboram a tese de que a insistência no paradigma positivista não apenas fragiliza a compreensão dos fenômenos sociais contemporâneos, como também legitima práticas de poder que silenciam saberes alternativos, especialmente os produzidos por populações historicamente marginalizadas.

A partir da obra de Max Weber (2004), os resultados evidenciam que a objetividade nas Ciências Sociais não se dá pela negação da subjetividade, mas, paradoxalmente, pela sua incorporação metodológica. O conceito de *Verstehen* (compreensão) reafirma que compreender o social exige interpretar os sentidos subjetivos atribuídos pelos sujeitos às suas próprias ações.

Adicionalmente, a leitura de Nisbet (1987) reforça a tese de que a sociologia é também uma prática estética, no sentido de que mobiliza a imaginação sociológica na construção de representações sobre a realidade. A análise sociológica, assim como a obra de arte, busca não apenas descrever, mas também revelar camadas ocultas da experiência social, oferecendo ao leitor uma interpretação sensível, contextualizada e crítica.

Os resultados apontam, de forma consistente, para a emergência de paradigmas epistemológicos que rompem com a monocultura do saber científico moderno. A proposta de Boaventura de Sousa Santos (2008) sobre a ecologia de saberes surge como resposta teórica e política aos limites do modelo hegemônico. Tal



perspectiva reconhece que o conhecimento científico é apenas uma entre múltiplas formas de conhecer o mundo, sendo indispensável o diálogo com saberes ancestrais, comunitários, populares e não ocidentais.

Nesse sentido, o realismo crítico, o construtivismo, a fenomenologia e outras correntes contemporâneas configuram respostas teóricas que reafirmam a necessidade de uma ciência social mais aberta, dialógica e comprometida com a diversidade epistêmica. A produção do conhecimento, portanto, deixa de ser monopólio de instituições acadêmicas e passa a ser concebida como um processo coletivo, situado e socialmente construído.

3.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa revelam três eixos fundamentais que orientam a análise crítica desenvolvida. O primeiro, vinculado à crise do positivismo, evidencia as limitações do paradigma que reduz os fenômenos sociais a dados meramente mensuráveis, desconsiderando a complexidade, a historicidade e a multiplicidade de sentidos que constituem as experiências humanas.

Essa perspectiva, ao privilegiar apenas aquilo que pode ser quantificado, tende a promover a expropriação e a deslegitimação de outros modos de conhecer, invisibilizando saberes locais, tradicionais e não hegemônicos. Assim, a crítica ao positivismo não se restringe à sua insuficiência metodológica, mas aponta também para suas consequências políticas e epistemológicas na construção do conhecimento.

O segundo eixo, voltado à subjetividade e à imaginação sociológica, destaca a necessidade de reconhecer a dimensão interpretativa e subjetiva como parte constitutiva da investigação social. Nesse sentido, reafirma-se a importância de compreender que todo processo de produção de conhecimento é atravessado por valores, interesses, visões de mundo e contextos históricos, o que inviabiliza a pretensão de uma neutralidade absoluta. A imaginação sociológica, nesse quadro, surge como ferramenta para articular experiência individual e estrutura social, permitindo novas leituras da realidade e ampliando os horizontes de análise.

O terceiro eixo, centrado nas epistemologias plurais, aponta para a valorização de uma ecologia de saberes capaz de reconhecer a legitimidade de diferentes tradições intelectuais e formas de conhecimento. Essa perspectiva propõe uma ruptura com o paradigma eurocêntrico da ciência moderna, que historicamente se constituiu a partir de hierarquizações e exclusões, frequentemente promovendo epistemicídios. A defesa de epistemologias plurais busca, portanto, construir um campo científico mais inclusivo, aberto ao diálogo intercultural e atento às especificidades locais e às demandas sociais contemporâneas.

Os achados aqui apresentados não apenas reafirmam as críticas clássicas à pretensa neutralidade científica nas Ciências Sociais, como também reforçam a urgência de se adotar práticas epistemológicas mais sensíveis, capazes de dialogar com as múltiplas realidades que compõem o mundo atual. Trata-se, portanto, de uma contribuição que não se limita a revisar teorias estabelecidas, mas que propõe caminhos



alternativos para a construção de um conhecimento social mais democrático, plural e comprometido com a diversidade e com a justiça cognitiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam que o debate epistemológico nas Ciências Sociais permanece um campo dinâmico, marcado por tensões históricas, metodológicas e políticas. A análise empreendida permitiu demonstrar que a pretensão de uma ciência social moldada estritamente pelos parâmetros do positivismo clássico mostrou-se insuficiente para abarcar a complexidade, a subjetividade e as múltiplas dimensões simbólicas que caracterizam os fenômenos sociais.

Autores como Max Weber, Robert Nisbet e Boaventura de Sousa Santos, cada qual a partir de suas matrizes teóricas, convergem na crítica ao reducionismo empiricista e na defesa de uma ciência social que reconheça a centralidade dos sentidos, da interpretação e da pluralidade epistêmica. Weber, ao propor a neutralidade valorativa e o método compreensivo, reafirma que a objetividade nas Ciências Sociais não reside na negação da subjetividade, mas em sua incorporação metodológica de maneira rigorosa e consciente.

Nisbet, por sua vez, ao conceber a sociologia como uma forma de arte, contribui para a valorização da imaginação sociológica como instrumento essencial na construção de narrativas interpretativas sobre a realidade social. Boaventura de Sousa Santos, por sua parte, rompe com a lógica eurocêntrica da ciência moderna, propondo a ecologia de saberes como paradigma capaz de enfrentar os epistemicídios e democratizar a produção do conhecimento.

Frente às crises contemporâneas — ambientais, políticas, epistemológicas e civilizatórias —, torna-se cada vez mais urgente que as Ciências Sociais fortaleçam práticas epistemológicas críticas, reflexivas e comprometidas com a diversidade de saberes e sujeitos. Nesse contexto, a sociologia reafirma-se não apenas como ciência descritiva, mas como prática interpretativa, ética e estética, colocada a serviço da compreensão e da transformação social.

Portanto, os desafios epistemológicos das Ciências Sociais não se limitam à adoção de novos métodos ou paradigmas, mas demandam um reposicionamento ético, político e cognitivo diante das complexidades do mundo contemporâneo.

A produção do conhecimento deve ser compreendida como um processo coletivo, situado, dialógico e comprometido com a construção de sociedades mais justas, plurais e emancipatórias. Espera-se que este artigo contribua para ampliar o debate sobre os fundamentos epistemológicos das Ciências Sociais, estimulando reflexões que ultrapassem os muros da academia e dialoguem, de forma horizontal, com os saberes produzidos nos territórios, nas comunidades, nas lutas e nas práticas sociais concretas.



REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- NISBET, Robert A. *A sociologia como uma forma de arte*. [S.l.]: [s.n.], 1987.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1990.
- ROSA, Hartmut. *Tempos acelerados: uma crítica da aceleração social*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- VASCONCELOS, Carlos Rocha. *Max Weber e a objetividade nas ciências sociais*. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.